

Annita Costa Malufe*

Universidad de Salamanca e PUC-SP/CNPq

Ariel, Marcelo (2024), *Afastar-se para perto: ficção-vida*, São Paulo, Ed. Reformatório. 200 páginas. ISBN: 9788566887785.

No belo posfácio “O escuro que nos habita”, Edson Luiz André de Sousa diz haver um “coração utópico” que pulsa dentro dos textos de *Afastar-se para perto: ficção-vida*. Para auscultá-lo, é preciso delicadeza e calma, afinal, nada mais frágil nos dias de hoje do que a utopia. Contudo, como o diz Marcelo Ariel em entrevista a Ricardo Pedroso Alves (disponível no Youtube), “Utopia não é ficção, é urgência”. Nessa mesma ocasião, o autor defende a importância da *fúria* e da *alegria* para sair-se da passividade que nos toma a todos, acrescentando: “Todos os meus livros têm algo de manifesto, de guerrilha”.

Em *Afastar-se para perto*, veremos que tal guerrilha elege não apenas a alegria, mas também o sonho como principais armas. Quem já conhece os vários livros anteriores do autor – poeta, dramaturgo, ensaísta e performer nascido em 1968 em Santos (São Paulo, Brasil) – reconhecerá sua dicção avizinhada ao surrealismo, às imagens oníricas: uma atmosfera próxima ao sonho e à magia que convive com o não-senso, o absurdo e, por vezes, o humor. Tudo isso sem jamais distrair-se de duas instâncias que se entrelaçam e marcam profundamente essa que é, como poucas atualmente em língua portuguesa, uma literatura-pensamento: o ritmo e o movimento conceitual. Penso em Maria Gabriela Llansol, penso em Herberto Helder – não por acaso, o volume que reúne sua poesia (de 2007 a 2019) se intitula *Ou o silêncio contínuo* (2019).

Talvez por isso o hibridismo de gêneros seja de fato a expressão mais condizente com esse projeto poético marcadamente experimental. Como explica a nota do autor: “trata-se de uma literatura híbrida, onde a convergência entre gêneros é parte radical da construção tanto de uma ensaística breve quanto de uma literatura livre.” Digamos que os três “livros” (ou três partes) que compõem *Afastar-se para perto: ficção-vida* dão forma a essa coexistência: fragmentos em prosa poética (I), narrativas curtas (II) e ensaios breves (III). Porém, ao mesmo tempo em que variam em seus formatos mais visíveis, cada uma dessas partes apresenta, internamente, uma mistura em que teatro, prosa, poesia ou ensaio compõem e se alternam, mesclados.

Mas o hibridismo refere-se também à própria concepção de subjetividade presente no livro. Nos termos do poeta (na entrevista já citada): “O eu como heterogeneidade, mistura, convivência de muitas vidas”. Muitas vidas e, ainda, muitas vozes. De Safo a Heráclito, de Shakespeare a Espinosa, de Maria Gabriela Llansol a Gilles Deleuze,

passando por Godard, Glauber Rocha, Gilberto Mendes, Jack Kerouac, Antonin Artaud, ou escritores seus contemporâneos, as referências são heterogêneas e proliferam, sem hierarquias. E, ainda, sem mitificações. Faz parte de um dos procedimentos de Ariel compor com liberdade diálogos imaginários com todos esses seus interlocutores, criando narrativas insólitas, bem-humoradas, irônicas, críticas. Ele mesmo conversando com Michel Foucault, o atual presidente brasileiro Lula da Silva com Félix Guattari, Oswald de Andrade dando um depoimento fictício, Rimbaud dando uma entrevista ou Walter Benjamin apresentando uma palestra sobre Hilda Hilst são apenas alguns exemplos das narrativas que encontramos no “Livro dois”.

Afastar-se para perto parece intensificar um caráter ético e fortemente político do pensamento-escrita de Ariel. Não somente ao refletir acerca do que é ser um intelectual negro no Brasil, mas, por exemplo, ao pensá-lo na afirmatividade de uma ação, uma *poiesis*, a possibilidade de um lugar: “[...] o devir-Exu é a destinação de um intelectual negro” (Ariel 2024: 53). Lugar este não domesticado, que não se restringe ao que denuncia como uma inclusão cosmética, cenográfica, que ocorreria hoje com as minorias: “A falsa inclusão dos pretos, pretas, indígenas e outras diferenças massacradas” (*idem*: 57). Assistimos hoje a uma inclusão das diferenças para as excluir depois, uma vez que a “diferença radical”, no fundo, nunca é de fato incluída, diz Ariel. E é aí que estão não somente as minorias socialmente excluídas, mas também o poeta, o louco, a criança ou os elementos da natureza, uma árvore, um animal.

Desse modo, pensar a diferença radical, em escrita, desponta como o grande projeto dessa literatura-pensamento. Porém, longe de uma segregação, o caminho parece ser o da conversa, do diálogo, do aprendizado das margens. A conversa, o encontro e a abertura como gestos a serem disseminados. O que o poeta, o louco, o negro, o indígena, ou qualquer minoria tem a ensinar é a diferença radical ou, em outras palavras, o movimento infinito, que se dá nas bordas, onde está a velocidade, o fluxo. E onde ainda o sujeito, ou qualquer identidade, se desfaz. Por isso há uma topologia que se encena. Remetamos mais uma vez ao posfácio de Edson Luiz André de Sousa, apontando para a inversão centro-periferia: “Ele pensa o corpo dentro de uma lógica de descentramento do mundo e ativa com precisão os espaços do periférico, nos mostrando que é nas margens que deveríamos pensar o centro, dissolvendo assim as lógicas do poder que instituem com violência as hierarquias de valor” (*idem*: 194). Desse modo, não basta ser negro ou mulher, é preciso que haja um devir-negro assim como um devir-mulher, ou devir-louco etc., um devir-menor que desfaça identidades pré-moldadas e refaça os nascimentos e as novas configurações de mundo. Para dizer com Deleuze, não se trata de tornar-se efetivamente uma criança, mas sim, ser tomado de um devir-criança para que se cumpra a dedicatória que abre o livro de Ariel: “À criança que és em sua luta perene para permanecer dignamente viva”.

O poema é assim um gesto da diferença radical: “[...] o poema anuncia uma mistura, um hibridismo onde o eu recua para fora, se afasta para mais perto, para que o halo das

coisas dobre e costure o espaço interior ao tempo exterior e o tempo exterior ao espaço interior” (*idem*: 177). O poema é o lugar do não-eu e do não-tempo – lugar da presença e da duração. No “Livro três”, intitulado “A prática do poema como um arco entre o céu e a terra. Um ensaio místico político”, encontramos textos que parecem explicitar a poética contida nos outros livros. São textos decorrentes de algumas oficinas e cursos de criação ministrados por Ariel. A pouca presença de autores entre nós que disserta sobre sua concepção de literatura e criação – e que o faz, ainda, de modo tão inspirado e consistente – é notável e aumenta o valor e a relevância desses textos.

O poema nasce no mundo e não no poeta. É na feitura do poema que o encontro e a mistura se dão, o que só pode ocorrer se o eu se abre ao mundo, à alteridade radical, por isso: “o poema nasce contra o poeta, quero dizer, como resultado da amizade com o acontecer do mundo que costura em nosso corpo a sensação desse acontecer para que nosso existir se torne impreciso e por isso mesmo também poroso, rachado e aberto” (*idem*: 168). Para escrever o poema é preciso dobrar a língua para “o que é fora dos limites do eu” (*idem*: 167). Quando perdemos o contorno, o poema nos encontra. Por isso, “poetas fogem da identidade como pássaros da gaiola” (*idem*: 171), e por isso “quanto menos eu, mais vozes e mais poesia se revelam para nós” (*idem*: 173).

Vê-se então que o poema (e lembremos que em Ariel esse é apenas um modo de dizer escrita, literatura) é um acontecimento, dando-se nas fronteiras dos corpos, independentemente da vontade de um sujeito, de uma consciência por demais dona de si. Ecos surrealistas podem ser sentidos aqui, e também ecos de uma filosofia como a de Deleuze em que, em estreita afinidade com Espinosa e Nietzsche, o pensamento só se dá no encontro com o fora, que força o corpo a criar. É o corpo que pensa, não o sujeito. Ou ainda, algo pensa em mim (e apesar de mim), e o poema-pensamento pode ser enfim essa dança com o universo múltiplo de todas as existências, de todas as singularidades em conexão.

NOTA

* Annita Costa Malufe é Investigadora Distinguida na Universidade de Salamanca, Espanha. No Brasil, é bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq e docente do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), onde orienta teses de Mestrado e Doutorado desde 2013. É investigadora colaboradora do ILCML (Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa), da Universidade do Porto. Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade de Campinas (UNICAMP), é autora dos livros de ensaios: *Territórios dispersos: a poética de Ana Cristina Cesar* (2006) e *Poéticas da imanência: Ana Cristina Cesar e Marcos Siscar* (2011), ambos com financiamento FAPESP. Realizou duas pesquisas de pós-doutorado (na USP/CNPq e na PUC-SP/FAPESP). É autora de sete livros de poemas, dentre os quais, *Alguém que dorme na plateia vazia* (Ed. 7letras, 2021).